**SABERES INDISPENSAVÉIS AO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Veridiana Jacome Gomes\*

Gigriola de Lima Pereira Almeida\*\*

Pedro César Pereira de Almeida\*\*\*

Especialista em Psicopedagogia pela - FIP [veridiana-jacome@hotmail.com](mailto:veridiana-jacome@hotmail.com)

Especialista em Psicopedagogia pela FACEOPA gigriola.gi@hotmail.com\*\*

Especialista em Educação Física Escolar - UEPB pedrocesar89@bol.com.br\*\*\*

**RESUMO**

O artigo discute os saberes indispensáveis à prática do professor, construindo conhecimentos essenciais aos processos de alfabetização, onde no decorrer de todo o trabalho se desenvolverá uma discursão teórica, buscando assim compreender a importância do professor alfabetizador como ser crítico inacabado, com suas próprias experiências vitais, intendendo-se em um processo de aprendizagem sendo permanente e ciente de sua teoria e prática atento ao ciclo genosiológico, junto a isso também a necessidade da construção de saberes específico a alfabetização das crianças, tentando desenvolver assim um aprofundamento no universo alfabético. Este estudo tem como objetivo discutir com referêncial teórica aos saberes necessários ao docente alfabetizador, buscando sair dos discursos e caminhar lado a lado com a prática. No tocante dos saberes necessários a um professor alfabetizador, destacamos a importância de uma formação com base teórica bem definida, conhecer profundamente as hipóteses da escrita e como elas acontecem até chegar a complexidade da escrita, para melhor intervir pedagogicamente.

**Palavras-chave:** saberes docentes; alfabetização; ensinar e aprender.

**INTRODUÇÃO**

É inquestionável nos nossos tempos em educação que o processo de alfabetização é de expressiva importância para o desenvolvimento do aluno, tanto no hoje, como em toda sua trajetória estudantil, somos cientes que ocorrendo falha nessa ação, as consequências são gravíssimas e muitas vezes, irreparáveis. Como sustentação a esse pensamento, iremos mais a fundo conhecer e analisar, com base teórica, a partir dos autores Emília Ferreiro, Ana Teberosk, Paulo Freire entre outros, sobre o processo de alfabetização nos anos iniciais, mais específicos no primeiro ano do ensino fundamental.

Nossa preocupação maior com este artigo é discutir com referência teórica aos saberes necessários ao docente alfabetizador com respaldo nas ideias de Paulo Freire, buscando sair dos discursos e caminhar lado a lado com a prática. Sendo assim, a metodologia utilizada neste trabalho será de cunho bibliográfico com os autores já citados anteriormente.

Destacaremos linhas ou eixos indispensáveis a permanente formação dos professores como o domínio e conhecimentos múltiplos, autonomia, respeito aos conhecimentos dos educandos, criatividade, espírito de pesquisa, ética humana, aventurar-se ao novo com rigorosidade metódica, sendo crítico reflexivo consciente de ser inacabado, que aprende enquanto ensina, aprendendo ensina, escutando, interagindo, propiciando a inteligência do conteúdo, fazendo do aluno, construtor do seu próprio conhecimento, tudo isso aliado ao amor e a liberdade, tentando a cada dia, diminuir a distância entre o que falamos e fazemos.

**SABERES DOCENTES NECESSÁRIOS A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Ao falarmos de educação significativa, logo vem a nossa mente a exigência da formação do profissional, a qual deve ser considerada suas experiências, que provém da sua própria história de vida, seu senso crítico, ético e aspirações, pois um ser não se torna profissional no momento em que passa a sentar nas cadeiras de uma universidade, nem tão pouco, sua trajetória ali termina e vai transmitir tudo o que um dia aprendeu para outros, na verdade, seu conhecimento vai se transformando ao longo da sua vida, no eterno conflito consigo mesmo, na vivência de sala de aula, analisando sua prática, sentindo a necessidade de melhorá-la, para melhor compreender e interagir, sempre numa formação continuada, auto reformando e reciclando, de encontro com o pensamento do professor Paulo Freire que afirma, a inclusão é própria da sua experiência vital, precisando saber ser inconcluso em permanente movimento de busca, participando assim, ativamente do mundo, aprendendo, fazendo, pensando, agindo, ensinando e politizando, possível por assim adquirir cada vez mais conhecimento ou se reconhecer inacabado.

Para ensinar, deve-se ter certo domínio de conhecimentos teóricos obrigatórios, que não seja alimentado apenas de um falar bonito recitado e descontextualizado, mas sim enraizado, intimamente ligado ao pensar e o fazer, tendo a certeza que não existe ensinar sem aprender, e vice e versa. Ser professor não é um mero transferidor de conhecimentos de português, matemática ou história, que se esforça para repassar com máxima nitidez, descrevê-lo nitidamente, para que o aluno fixe o que foi dado, memorizando e delimitando, expondo de cima para baixo, mas sim como diz Paulo Freire que o ensinar seja “ação pela qual o sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”. O educador constrói mecanismos para a produção e construção, ensina conteúdo, contudo, ensina a pensar certo, estando sua sala de aula,

aberta às indagações, curiosidades e perguntas que inquiete e desperte para o aprender, sem tolir a liberdade, a criatividade e a capacidade do aluno aventurar-se no novo, vencendo suas próprias barreiras.

Ao entrar na sala de aula de um professor, logo vem o pensamento de respeito e valorização da identidade do educando, que traz consigo, para a escola, uma bagagem cultural, pois nosso aluno é um ser histórico, social, pensante, criador e transformador. Segundo esse pensamento, o professor Paulo Freire, diz que a escola deve não somente respeitar esse conhecimento do aluno, advindo de suas construções sociais na prática, como também, junto com eles discutir a razão desses conhecimentos, fazendo uma ponte com os conteúdos de ensino, para que a partir desse procedimento metodológico sério, possa não acontecer uma ruptura do conhecimento ingênuo e sim uma superação.

Para ensinar o educador tem que conhecer a realidade em que o aluno está inserido, a fim de adaptar os conteúdos pragmáticos e consequentemente, apropriar uma intervenção e conscientização de sua realidade. Esse respeito ao conhecimento do outro não é ser simpático ao educando, mas uma tentativa da superação do conhecimento ingênuo, tomando essa leitura de mundo como ponto de partida para produção aguçada pela curiosidade no proceder metodológico rigoroso, tornando o saber cada vez mais concreto e exato. Não respeitar esse esforço individual de cada sujeito em seu processo de acomodação e cognição do mundo é se divulgar elitista e antidemocrático.

Discutimos a partir de Freire (1996) a autonomia dos educandos, subsídios que os professores precisam na procura para granjear novas posturas, aprender a pesquisar, ser um docente discente, pois se o mesmo não busca o aperfeiçoamento de sua formação, não estuda, não é digno e nem está apto à sua profissão, impossibilitado de administrar as ideias de o próprio ser individual, político, crítico, reflexivo e transformador, por isso, a importância de não parar e estão numa contínua rotina de pesquisa, estudos e análises sobre a prática.

Esse pensamento é reforçado por Freire ao sublinhar que “[..] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (1996. p.32). O autor defende que uma não vive sem a outra, sempre juntas, não se separam, pois não tem como desenvolver um estudo sem essa ferramenta, superando assim, os conhecimentos velhos, aventurando no novo, permitindo dominar o que não se conhece para, em seguida, ser anunciada ao mundo.

Um saber indispensável para que haja a construção do conhecimento é atinar a escutar o outro (aluno em formação), pois se isso não acontece, corremos o risco de um

discurso vertical de cima para baixo, não tendo como professor ter argumentos para se posicionar, sem conhecer e assim automaticamente despeitando os conhecimentos prévios, sendo também autoritário. Onde na verdade, quando se está disposto a escutar, cria-se um cenário de liberdade de expressão, facilitando pôr em prática a metódica rigorosa, onde se cativa a curiosidade por meio de perguntas indagadas, abre espaço ao direito de discordar, se opor, ou concordar em pontos de vistas diferentes, facilitando a superação do discurso de ingenuidade para um mais significativo, procurando inquieta, sem inibições, proporcionando meio para intervenção da realidade, estimulando perguntas e respostas, sendo estes pontos fundamentais para produção do conhecimento.

Falar em saberes necessários a um docente, não importa em que disciplina ele atua, se português, ciência, geografia, inglês, em que nível ele leciona, se seu público é adulto, jovem ou criança, o essencial que vai de encontro com o pensamento de Paulo Freire é a postura de um ser ético, não das regras do comércio capitalista, e sim da ética universal do ser humano que respeita a natureza humana, sendo preciso que os indivíduos se sintam como sujeitos e não objetos da história, assumindo assim, o compromisso com a ética, pois o movimento do homem, no mundo já possibilita a responsabilidade com ética.

Freire (1996. p. 07) ao tratar da ética afirma que:

É preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro [...]. Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. [...]. A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais.

Para um professor que se diz, preocupado com a conscientização e politização de seus alunos, sendo assim seu ato pedagógico, antes de ser um ato educacional é um ato político, precisa em sua didática, da união dos conteúdos, com a formação ética e da testemunha de pureza, rejeitando qualquer forma de preconceito, ou discriminação, tendo essa inferiorização como imoral destinado à luta contra qualquer abuso aos desfavorecidos pelo respeito à autonomia e a dignidade do educando, pois lecionar é mais do que uma simples aquisição de habilidades linguísticas, mas também tem uma perspectiva de conscientização e emancipação-libertação.

**O SABER PEDAGÓGICO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR**

Diante da compreensão dos saberes necessários a um professor de qualquer área, nível ou modalidade, nos deteremos agora a analisar os conhecimentos, mobilizados a um professor alfabetizador em especial do primeiro ano do ensino fundamental.

Ao chegarmos nesse ponto de discursão, já nos deparamos com um vasto conhecimento das competências de quem ensina como saberes de formação profissional, disciplinares, curriculares e das suas próprias experiências no espaço escolar, contudo, é na prática que predominam os conhecimentos e habilidades, e a partir dos estudos desenvolvidos por Emíila Ferreiro, iremos procurar compreender o processo de alfabetização e as exigências do educador desse nível de aprendizagem.

As mudanças se dão justamente na necessidade do professor repensar sua prática, pois no novo conteúdo, a alfabetização não é mais apropriação de um código, de forma mecânica, é um processo complexo, com hipótese elaborada a respeito da língua escrita, assim não é qualquer pessoa que está apta a essa função. É nessa perspectiva que entendemos a importância da formação que inicia com curso de pedagogia, mas vai além com a formação continuada a ser fundamentada com princípios teórico-práticos.

Professores alfabetizadores precisam ter segurança na metodologia, níveis de hipóteses da leitura e escrita, compreender os conceitos que os rodeiam como leitura, escrita, alfabetização, letramento, saber contextualizar a leitura com a vivência das crianças, ter em seu leque conhecimentos variados como relativos à psicologia, sociolinguística, psicolinguística, a linguista e as fases de apropriação da língua escrita (FONTES, BENEVIDES, 2013).

Com as atuais exigências desses novos tempos, em relação à alfabetização, onde há necessidade de se respeitar as experiências do aluno, transferido do seu meio social, colocando esse alunado no centro da aprendizagem com ser social, pensante e histórico, proveniente dos estudos da psicogênese, enfocamos a alfabetização nas palavras de Emília Ferreira e Ana Teberosky (1985) que esclarece alfabetização não como simples codificação e decodificação do sistema linguístico, mas se concretiza como um processo em movimento em que o aluno em contato com a cultura e a escrita aos poucos, constrói e reconstrói hipóteses sobre a linguagem e a escrita, até chegar o que considera a escrita convencional, como afirma Ferreiro (1995).

Com essa pesquisa feita pelas autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky foram definidas em cinco níveis de desenvolvimentos da escrita, conhecimento fundamental ao repertório do professor alfabetizador, sendo eles, nível pré-silábico, onde a criança ainda não estabelece relação entre a escrita e a fala, fase de representação da escrita por desenho, rabisco e letras aleatórias, tem a hipótese de que precisa de muitas letras para escrever nome de objetos grandes e poucas letras para coisas pequenas, no nível silábico, existe a relação entre a fala e a escrita com tentativa de dá valor sonoro as letras para representar palavras, para cada sílaba escreve uma letra; no nível silábico-alfabético, a criança começa a escrever alfabeticamente algumas sílabas e em outra, permanece no silábico. O nível alfabético, o aluno já domina o sentido de letra, sílaba e palavra, escrevendo como fala e apresenta dificuldades e problemas ortográficos e, por fim, o último nível, o ortográfico, que é um nível inacabado, onde iremos adquirindo e dominando as irregularidades da língua no decorrer de toda a nossa vida.

O professor terá que mediar esse processo, propondo desafios nas atividades, ajudando a entender e construir suas hipóteses, sempre atento no despertar dos elementos que esclarece o processo vivido pelos alunos no ato de ler e escrever, seu entendimento para que serve a escrita e que essa apropriação só acontecerá a partir da convivência da criança com o mundo letrado, como afirma Ferreiro que:

“[...] as histórias ouvidas e contadas pelas crianças (devem ser escritas pelo professor) bem como as tentativas de escrever seus nomes ou bilhetes. Essas atividades assumem grande importância no processo, pois são geradoras de espaço para descoberta dos usos sociais da linguagem e a escrita. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que ela passa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta (BOCK, 2008, p. 140).

Para Paulo Freire, o alfabetizador se apropria da escrita por meio de seu próprio vocabulário, onde o professor, da ênfase as palavras com mais ricas possibilidades, chamando de palavras geradoras, para a partir de então alfabetizar foneticamente e conscientemente, organizando assim seu mundo, capacitando para compreender e escrever sua própria história de vida de forma crítica.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de tudo que foi alertado, não podemos ficar adormecidos na nossa “mesmice”, temos que ter uma postura de ação, baseada na criatividade, na pesquisa, no respeito aos saberes dos educandos, apostar em sua autonomia, viver o risco, aventurar-se no novo, na busca da esperança, bom senso, alegria, tolerância, curiosidade, humildade, mas tendo acima de convicção, principalmente que formos seres inacabados, predestinados a aprender a ter o último suspiro de vida e, enquanto aprendemos, se ensina, e ao ensinar, se aprendemos a pensar certo, sempre rejeitaremos qualquer tipo de discriminação.

Não podemos pensar que nossa ação pedagógica é neutra, pois nenhum de nós passa pelos alunos sem deixar marcas sejam elas positivas ou negativas, simples gestos de um educador pode favorecer impulsos para grandes conquistas e descobertas, tendo consciência disso, vamos agora então, optar por projetos revolucionários que despertem os nossos alunos a se sentirem sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensamento, sua visão própria do mundo, colaborando para uma transformação social libertadora, crítica e reflexiva do mundo. Ajuda-os a compreender e vencer na luta pelos seus direitos, muitas vezes, negados, conscientizando a reivindicar pôr o que é seu de direito.

No tocante dos saberes necessário a um professor alfabetizador, destacamos a importância de uma formação com base teórica bem definida, conhecer profundamente as hipóteses da escrita e como elas, acontecem até chegar à complexidade da escrita, para melhor intervir pedagogicamente.

**REFERÊNCIAS**

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologia: uma introdução do estudo da psicologia**. 14ª edição. São Paulo: Saraiva, 2008.

FONTES, Francicleide Cesário de Oliveira; BENEVIDES, Araceli Sobreira. Alfabetização de crianças: a formação e a construção de saberes dos docentes alfabetizadores. **Revista do Difere** - ISSN 2179 6505, v. 3, n. 6, dez/2013.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua Escrita**. Porto Alegre: Art Med, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes a prática docente**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.